



REVISTA
SOBED

Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva
Departamento de Endoscopia da Associação Médica Brasileira
Nº 7 - Out/Dez - 2009

Consultório hi-tech

**TECNOLOGIA A SERVIÇO
DO ENDOSCOPISTA**

DNA
René Lambert

XXXV CBED
Bahia recebeu especialistas

Très Brésilienne

Muito brasileiro e endoscopista “há vários anos”, como gosta de explicar, o francês René Lambert conta como participou do desenvolvimento da especialidade e de suas visitas ao Brasil

Thiago Bento



René Lambert durante o XXXV CBED, em Salvador, Bahia

Lambert começa a entrevista dizendo ser muito velho – tem 79 anos –; “mas não tanto quanto o genial (arquiteto Oscar) Niemeyer, ele é fantástico!”. Com um português com pouquíssimo sotaque, afirma se sentir em casa quando vem ao Brasil. Está tão acostumado com o idioma que fala “cê” invés de “você”. A fluência é resultado dos cinco anos que viveu no Rio de Janeiro, enquanto o pai, advogado, dava aulas em faculdades.

Durante o tempo que passou na Cidade Maravilhosa morou em Copacabana e Flamengo – mas não gosta de futebol – e sibilava o morro para brincar na favela. “Para você ver como o Rio era”, suspira com tom de saudade. Palavra que usa constantemente durante a conversa e que só pode ser entendida por quem é brasileiro.

Em sua casa na França, em Lyon, Lambert recorre às plantas para matar as saudades do Brasil. “Meu jardim tem palmeiras...”, comenta esboçando um sorriso, dando a sen-

sação de que vai terminar a frase citando a Canção do Exílio, de Gonçalves Dias. “Sou um jardineiro”, enfatiza.

Tranquilo, o endoscopista afirma que hoje atua em uma posição confortável. “Lá fases na vida em que é bom ser chefe, mas há outras em que é melhor observar”, comenta satisfeito enquanto fechava o terno, inabalado com o calor soteropolitano que pairava no Centro de Convenções da Bahia, durante o XXXV Congresso Brasileiro de Endoscopia Digestiva. Na entrevista a seguir o endoscopista fala um pouco de sua carreira, que costuma dividir em três períodos, e muito de sua vida no Brasil.

Como avalia sua carreira depois de tanto tempo?

De fato trabalho há muito tempo. Costumo dividir minha carreira em três momentos: Na primeira parte da minha experiência profissional, depois da residência,

por anos atuei com pesquisa experimental e fui diretor de uma unidade do Instituto Nacional de Saúde e da Pesquisa Médica (Inserm), na França. Nesse período desenvolvi atividades indiretamente relacionadas com medicina. Um exemplo disso é o livro que escrevi, um tratado sobre a cirurgia digestiva do rato, publicado muitos anos atrás nos Estados Unidos.

Ainda nessa época também dirigi, por pouco tempo, uma unidade de epidemiologia do câncer no Centro Nacional de Pesquisa Científica (*Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS*). Essa foi a primeira fase da minha vida profissional. Por outro lado, progredi de assistente estável para professor assistente e depois substituí meu chefe que se aposentou. Nessa sucessão precisei mudar um pouco de atividade e isso coincidiu com o desenvolvimento da endoscopia digestiva, que passava para a técnica de fotografias, com gastrocâmeras japonesas.

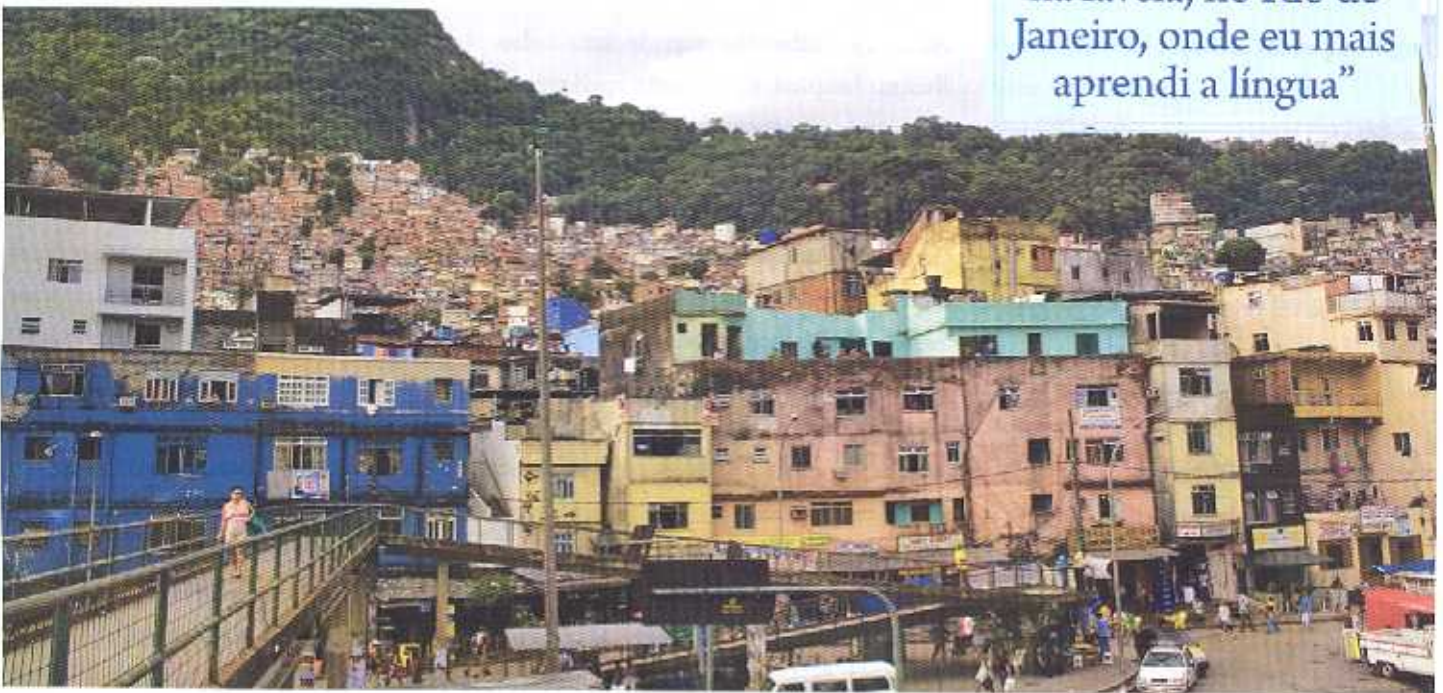
Nesse momento comecei a me interessar pelo assunto. Progressivamente deixei a área de pesquisa experimental para realizar estudos clínicos e desenvolver técnicas da endoscopia. Devemos compreender que nessa época para diagnosticar uma lesão do estômago ou um câncer fazíamos uma radiografia. Quase não havia endoscopia e foi um crescimento fulgurante.

A grande diferença é que na fibroendoscopia o operador olhava em um instrumento assim (simula um microscópio com as mãos) suzinho, hoje há um monitor televisivo onde outras pessoas vêem, todo mundo controla se o médico não trabalha bem (risos). A visão é melhorada, mas é mais exigente. Essa foi a segunda parte da minha carreira.

Como o senhor se sentiu nesse período de mudança entre a primeira e a segunda fase?

Como se sente quando tem que se mudar da sua atividade presente para fazer outra

“Fui alfabetizado em português e foi na favela, no Rio de Janeiro, onde eu mais aprendi a língua”





“Costumo dividir minha carreira em pesquisa experimental, estudos clínicos e o atual, quando o melhor é ser influente”

coisa? É mudança de trabalho sob a pressão prática, você se adapta ou não.

É a terceira fase de sua carreira?

Essa começou há 11 anos. Precisei me aposentar da universidade da Europa. É complicado porque paramos nossas atividades aos 65 anos. É um desastre! Na Escandinávia é assim, na Alemanha, na França...note que falo da Europa e não da Inglaterra (risos). Isso não acontece por lá.

Ao se aposentar não se pode mais trabalhar no hospital, mas há três opções: não fazer nada e ficar em casa com problemas com a esposa (risos). Passar a prática liberal e fazer endoscopia. É o que acontece no Brasil. Todos meus amigos que se aposentaram cedo da universidade, que também não dá salário, são liberais.

Isso é uma opção possível na França, mas não para mim, pois passei muito tempo da minha carreira envolvido com pesquisa experimental. Não tinha tempo para começar a prática, que deve ser iniciada no hospital e continuada ao longo do tempo. A terceira opção é de mudar totalmente de atividade e foi o que fiz. Tinha conec-

xões com epidemiologia do centro da Agência Internacional para Pesquisa sobre o Câncer (IARC em inglês) sediada em Lyon, França, pertencente à Organização Mundial da Saúde (OMS), sediada em Genebra, Suíça. Como já os conhecia, fui trabalhar lá sem salário.

Por que foi sem receber?

Porque é um bom sistema! Tenho uma pensão universitária. Além disso, pelo agradável motivo de não ser mais chefe. Há fases na vida em que é bom liderar, ser o responsável por tudo e há outra em que é melhor observar, ser influente, poder falar, mas não praticar diretamente e é onde estou agora.

Outras vantagens são ter um cartão de visita internacional, além de colaborar no desenvolvimento da relação da endoscopia entre japoneses e norte-americanos. Realizei diversos estudos de classificação, até a publicação da classificação de Paris. O interessante disso é perceber que todos os especialistas japoneses falam dela; da lesão neoplásica, o precursor do câncer avançado. Mais curioso ainda é saber que originalmente essa classificação é japonesa.

E por que dessa "confusão"?

Os japoneses usavam essa classificação, mas ninguém de fora da "ilha" fazia isso. Acabei realizando um encontro com 10 especialistas orientais, 10 europeus e outros 10 norte-americanos e debatemos essa nomenclatura que de tão bem feita acabou sendo aceita. Atualmente para eles é mais fácil falar assim, e curiosamente Hiromori Yamamoto fez uma apresentação durante o XXXV Congresso Brasileiro de Endoscopia Digestiva todo baseado nessa classificação de Paris, isso é uma parte da minha atividade.

Qual o desafio de orientar esse relacionamento?

É preciso fazer com que os ocidentais aceitem as técnicas vindas do Japão, mas os problemas são os americanos, mais ricos e conseqüentemente mais isolados. Não temos essa dificuldade aqui no Brasil. Vocês têm um ótimo relacionamento com os japoneses, vejam o Claudio Rolim Teixeira que passou cinco anos por lá e fala a língua deles. Eu assisti a uma palestra dele em Kyoto toda em japonês.

E de onde vem sua relação com a língua portuguesa e o Brasil?

Meu pai era professor universitário de Direito. Quando é verão na França a universidade entra em férias, enquanto aqui é inverno e todos continuam trabalhando. Por anos, ele passava três meses no Brasil. Começou em Porto Alegre, onde participou da fundação da Faculdade de Direito da cidade.

Eu cheguei depois e fui para lá apenas uma vez. De lá ele mudou para o Rio de

Janeiro, foi quando começou a Segunda Guerra Mundial e o governo francês ordenou que fôssemos aqui. Eu tinha apenas oito anos de idade e passei a viver por lá e a estudar no Liceu Franco-Brasileiro.

O senhor foi alfabetizado em português?

Sim, e sabe onde eu mais aprendi português? Na favela! Para ver como o Rio de Janeiro é agora. Naquela época eu subia o morro para brincar. Vivi em Copacabana, em uma casa com jardim na Rua Toneleiros. Não tinha arranha-céu e era muito tranquilo. Pouco tempo depois me mudei para o bairro do Flamengo.

Como foi a volta para a França?

Voltei com meus pais e foi muito complexo, pois era o fim da guerra e o mar estava muito perigoso com minas e submarinos alemães. Algum tempo depois, finalmente fui estudar medicina e fiquei um período sem relação com o Brasil, até um dia me chamarem para um congresso e a conexão voltou. Meus colegas brasileiros gostam de me "usar" (risos), pois sou um convidado estrangeiro que pode ser o moderador de debates e discussões.

Nesse tempo que passou na França tinha saudades do Brasil?

E agora? Você pensa que tenho saudades do Brasil? Isso é um problema clássico nos filhos de pessoas que viajam de um país a outro. A pessoa cresce em um lugar e depois vai passar a vida adulta e profissional em outro. Isso resulta numa visão provavelmente mais interessante do mundo, mas no fato que se você vive como eu, na França, sente saudade do Brasil e pensa se

seria melhor ficar por aqui, mas se você vive no Brasil sente saudade da França. É sempre assim entre os dois, há um balanço interminável.

O francês típico sabe que é arrogante e pensa que vive no país mais importante do mundo e que é o centro do universo, tudo é perfeito, acha que o brasileiro é um primitivo selvagem e que o americano é louco. O francês pode ser um pouco arrogante, mas se você viu os dois lados é totalmente diferente. Isso é muito comum na Europa, pois há crianças cujo parente foi viver na África do Norte e mudaram para França e as crianças de 15 anos têm saudade da Argélia, da Tunísia, mesma coisa com Estados Unidos, se foi educado lá e vai para França tem saudades de lá.

Vir frequentemente para Brasil resolve a saudade?

Resolve ou reativa? Que você acha? Os dois. Aqui me sinto em casa.

Por ter morado no Rio torce por algum time de futebol?

Não! Eu tenho um problema enorme, não gosto da atividade esportiva. Não gosto de futebol, tênis, de nada disso. A explicação para isso é que sou um jardineiro, gosto de tomar conta das árvores e das plantas.

Alguma favorita?

As palmeiras. Meu jardim em Lyon, cidade que muitos consideram fria, só tem palmeira, algo muito tropical. Elas ficam lá o ano todo. Um francês nunca plantaria uma palmeira, mas eu, por causa da minha saudade, plantei e elas crescem bem.